



Alfabetizações, Alfabetismos e Letramentos: trajetórias e conceitualizações

Luciana Piccoli

RESUMO - Alfabetizações, Alfabetismos e Letramentos: trajetórias e conceitualizações. As definições de alfabetização, alfabetismo e letramento estão relacionadas aos diferentes olhares lançados sobre tais processos. Este estudo teórico trata, portanto, da trajetória desses conceitos abordados por diferentes autores em um recorte da produção acadêmica na área da educação, constituindo-se como uma pesquisa de caráter bibliográfico. Inicialmente, faz-se uma incursão sobre a origem dos termos para, depois, demarcar a abrangência do letramento – constituído pelos elementos oralidade, leitura e escrita – e especificar os conceitos de práticas e eventos a partir dos Novos Estudos do Letramento, dada a produtividade teórico-metodológica dos mesmos para o desenvolvimento de pesquisas em educação. Como resultado, salienta-se o caráter múltiplo e social das práticas de letramento, descritas através de eventos observáveis e compreendidas em seus contextos de origem.

Palavras-chave: Alfabetização. Alfabetismo. Letramento. Oralidade, Leitura e Escrita. Práticas e Eventos de Letramento.

ABSTRACT - Literacy: history and concepts. The definition of the phenomenon of literacy is linked to the different views cast upon such process. The present theoretical investigation deals with the history of this concept as approached by several authors inside a segment of the production of scholars in the educational field, therefore assuming the character of a bibliographical research. Initially, an in-depth analysis of the origin of the word literacy is made, leading, afterwards, to the delimitation of the reaches of literacy - encompassing the elements of orality, reading and writing - and to the specification of the concepts of practices and events based on New Literacy Studies, given their theoretical-methodological productivity for the development of researches in education. As a result of this study, the multiple and social character of the literacy practices that are described through observable events and understood in their context of origin becomes evident.

Keywords: Literacy. Orality. Reading and Writing. Literacy Practices and Events.

Educ. Real., Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 257-275, set./dez., 2010.
Disponível em: <http://www.ufrgs.br/edu_realidade>

257

A Problematização dos Conceitos e o Traçado dos Caminhos Metodológicos

A presença do conceito de alfabetização aliado ao de alfabetismo e ao de letramento tornou-se corrente na área da educação desde, aproximadamente, a década de 1980. As definições dessas terminologias, entretanto, são distintas, dependendo tanto do contexto histórico no qual estão inseridas quanto das diferentes perspectivas teóricas e metodológicas que as embasam. A discussão sobre as formas de designar as ações envolvidas na aquisição da leitura e da escrita ultrapassa, porém, as fronteiras da academia. Para além do fato de que os objetos de análise carregam especificidades, a distinção dos termos faz-se necessária porque produzem efeitos também distintos nos pesquisadores, professores e alunos.

Diante disso, proponho localizar produções acadêmicas que explicitam as terminologias anteriormente referidas. Mais especificamente, meu intuito é analisar, através de aproximações e distanciamentos, os conceitos de *alfabetização*, *alfabetismo* e *letramento* abordados por diferentes autores, em um recorte da produção acadêmica na área da educação de crianças, jovens e adultos. Depois, faço a opção por um determinado referencial teórico: os letramentos sociais de Brian Street – pesquisador britânico que realiza seus estudos na interface das áreas da linguística e da antropologia –, na tentativa de demarcar a abrangência do letramento e especificar o que são *práticas e eventos de letramento*, dada a produtividade teórico-metodológica de tais categorias para o desenvolvimento de pesquisas em educação.

Após explicitar os objetivos desta investigação teórica¹, é importante esclarecer que, dentre os vastos estudos pelos quais perpassam a temática da leitura e da escrita, faz-se necessária a realização de uma seleção dos autores e de suas respectivas pesquisas para posterior análise. Assim, o critério para a escolha dos autores foi o grau de intensidade da produção intelectual de cada um e, para a seleção dos estudos, a representatividade de cada perspectiva dentro dos múltiplos olhares pelos quais se torna possível visualizar os conceitos de alfabetização, alfabetismo e letramento. Ao considerar que minha intenção é abordar uma seleção de produções intelectuais, proponho-me a citar excertos, comentar aspectos e tecer considerações que possibilitem a visualização dos conceitos e de suas trajetórias².

História do Processo, História da Palavra: os precursores

A história da alfabetização, do alfabetismo e do letramento entrelaça-se com a própria história de cada uma dessas palavras. A realização de uma incursão cronológica sobre a origem dos termos é, portanto, uma tarefa imprescindível ao estudo proposto. Tal abordagem que, pela sua natureza, não escapa a

uma certa linearidade temporal, não pretende, por outro lado, engessar a multiplicidade e dinamicidade dos conceitos apropriados pelos autores ao longo de suas produções acadêmicas.

Dentro do campo de análise aqui selecionado, a palavra *literacy* da língua inglesa merece atenção especial, uma vez que fora traduzida, para o português, em diferentes versões: *alfabetização*, *alfabetismo*, *letramento*, *lectoescrita e cultura escrita*³. Tais alternativas expressam a dinamicidade da língua para designar os processos relacionados à leitura e à escrita. A palavra *letramento*, no Brasil, teve sua origem documentada no campo das ciências linguísticas e da educação a partir da segunda metade dos anos de 1980. Estudos precursoros, entretanto, precisam ser destacados: as pesquisas de dois autores do contexto internacional que influenciaram a discussão sobre o tema nos espaços brasileiros e a referência implícita ao conceito de *letramento* na obra freireana.

Primeiramente, faço referência ao renomado historiador e pesquisador Harvey Graff, que propõe novos olhares sobre o *alfabetismo* ao questionar os supostos efeitos e consequências do mesmo no desenvolvimento socioeconômico, na ordem social e no progresso individual dos sujeitos. No ensaio *O mito do alfabetismo*⁴, publicado em língua inglesa no ano de 1981, o autor (1990, p. 35) deixa explícito, como poucos o fazem, seu entendimento acerca do conceito *literacy*, afirmando que *alfabetismo* é “[...] uma tecnologia ou conjunto de técnicas para a comunicação e a decodificação e reprodução de materiais escritos ou impressos [...]”. É, portanto, uma base, um fundamento, uma habilidade adquirida de forma distinta daquelas orais e/ou não-verbais. A definição de Graff tem fundamentado a opção, entre autores brasileiros que realizam pesquisas de caráter histórico e cultural,⁵ pelo termo *alfabetismo*.

Graff (1990, p. 51) reitera a necessidade da explicitação do conceito, assinalando que é preciso fazer uma distinção entre seus vários matizes que, apesar de carregarem suas especificidades, estão relacionados: “[...] o alfabetismo alfabético, o visual e o artístico, o espacial e o gráfico [...], o matemático (‘numerismo’⁶), o simbólico, o tecnológico e o mecânico, entre outros tipos”.

Outro precursor foi Brian Street, pesquisador que realizou um trabalho de campo de cunho antropológico no Irã, durante os anos de 1970, tendo como objeto de investigação os usos e os significados do *letramento*⁷ na vida cotidiana e nas relações sociais das pessoas. O conceito – anteriormente visto como uma habilidade técnica, neutra – foi contraposto pelo autor a partir da perspectiva denominada *New Literacy Studies*⁸, passando a ser considerado como uma prática ideológica implicada em relações de poder e embasada em significados e práticas culturais específicas. Tal concepção de *letramento* tem sido utilizada em investigações de autores brasileiros⁹ que, na realização de suas análises, salientam as especificidades do contexto nacional.

No livro *Social Literacies: critical approaches to literacy in development, ethnography and education*¹⁰, a expressão presente no título constitui um indicativo da explicitação, pelo autor (1995), do conceito: primeiramente, sua natureza social é destacada, depois, através do uso do plural, o caráter múltiplo

das práticas de letramento é evidenciado. Nessa perspectiva, a leitura, a escrita e a oralidade compõem o letramento.

Com a difusão dos Novos Estudos do Letramento, Street percebeu a necessidade de atualizar as perspectivas teóricas, bem como suas implicações no contexto educacional e suas políticas. No artigo *What's 'New' in New Literacy Studies? Critical approaches to literacy in theory and practice*¹¹ (2003), o autor retoma conceitos centrais da teoria – aliando questões mais amplas da abordagem social como textualidade, identidade e poder –, apresenta críticas e desenvolve propostas de intervenções no ensino, currículo, critérios de avaliação, treinamento de professores em ambientes formais e informais.

Paulo Freire, cuja produção teórica exerce impacto internacional, circula como o precursor brasileiro do conceito de letramento. Dentre sua produção, mundialmente reconhecida, destaco o clássico *Pedagogia do Oprimido* (2008) que vem sendo reeditado e traduzido para várias línguas desde a década de 1970. Nele, Freire lança os pressupostos de sua pedagogia voltada à educação popular, criticando a concepção bancária da educação em favor de uma concepção problematizadora e libertadora construída por meio da dialogicidade e da significação conscientizadora na investigação dos temas geradores.

Por se relacionar diretamente às práticas de leitura e de escrita, saliento, também, a publicação, em 1982, de *A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam* na qual o autor propõe uma compreensão crítica do ato de ler, não restringindo a leitura à decodificação pura da linguagem escrita, mas ampliando o conceito para a compreensão do mundo. Sua célebre frase: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele” (Freire, 2006, p. 11) tem sido alvo de distintas interpretações já que, muitas vezes, o ponto final é antecipado para onde, originalmente, está a vírgula. É justamente a continuidade da frase que permite seu pleno entendimento, uma vez que linguagem e realidade prendem-se dinamicamente.

Em outras palavras: para Freire, o processo de *alfabetização* inicia com a leitura do mundo – do pequeno mundo onde os sujeitos estão inseridos –, do qual emerge a leitura da palavra. Assim, a partir da continuidade de ambas as leituras – do mundo e da palavra – toma lugar a leitura da *palavramundo*. Como ler e escrever são atos “indicotomizáveis”, Freire (2006, p. 20) propõe a continuação deste percurso: “De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo mas por uma certa forma de ‘escrivê-lo’ ou de ‘reescrivê-lo’, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente”. Ao considerar o processo de alfabetização um movimento dinâmico, Freire (2006, p. 20) enfatiza a necessidade das palavras presentes no programa de alfabetização pertencerem ao universo vocabular dos grupos populares, carregadas da significação do povo, “grávidas de mundo”. As palavras, então, inseridas em um conjunto de repre-

sentações de situações concretas possibilitam uma “[...] ‘leitura’ mais crítica da ‘leitura’ anterior menos crítica do mundo [...]” (Freire, 2006, p. 21).

A concepção de *alfabetização* freireana é, portanto, um ato político, criador e de conhecimento que pode ser relacionada ao conceito de *letramento* em uma perspectiva sociológica, já que o entendimento crítico do ato de ler ultrapassa a decodificação da linguagem escrita, estendendo-se na compreensão do mundo e na ação política do ser humano na sociedade. Tal relação justifica o fato de Freire ser considerado o precursor de uma concepção brasileira de *letramento*, mesmo sem utilizar tal denominação.

História do Processo, História da Palavra: trajetórias e conceitualizações

Após a apresentação dos precursores, início, efetivamente, com uma das primeiras ocorrências do termo *letramento* no Brasil, presente na obra de Mary Kato, *No Mundo da Escrita: uma perspectiva psicolingüística*, na qual a autora (1986, p. 7) explicita, nas páginas iniciais, que a função da escola seria a de introduzir a criança no mundo da escrita, tornando-a um cidadão funcionalmente letrado: “[...] um sujeito capaz de fazer uso da linguagem escrita para sua necessidade individual de crescer cognitivamente e para atender às várias demandas de uma sociedade que prestigia esse tipo de linguagem como um dos instrumentos de comunicação”. Para Kato, a norma-padrão, ou língua falada culta, seria uma consequência do *letramento*.

Em 1988, Leda Tfouni estabelece uma distinção entre *alfabetização* e *letramento* no capítulo introdutório do livro *Adultos Não Alfabetizados: o avesso do avesso*, no qual a autora (1988, p. 9) situa o primeiro processo no campo individual e o segundo, no âmbito social, uma vez que “[...] focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição da escrita”.

Na tradução do texto de Graff (1990, p. 64), Tomaz Tadeu da Silva redigiu uma nota para justificar a preferência pela palavra *alfabetismo*, que teria uma definição nos dicionários muito semelhante ao termo *literacy*: “[...] qualidade ou estado de ser alfabetizado [...]”, em detrimento do neologismo *letramento*. O tradutor também atenta para o fato de que o vocábulo *analfabetismo* era amplamente conhecido na língua portuguesa, referindo-se a um fenômeno candente na realidade social brasileira, o que não acontecia com o termo *alfabetismo* que se refere justamente ao estado contrário.

Tfouni (2004, p. 7-8), no prólogo de *Letramento e Alfabetização*, obra publicada pela primeira vez em 1995, explicita a utilização do neologismo *letramento* para suprir “[...] a falta, em nossa língua, de uma palavra que pudessem ser usada para designar esse processo de estar exposto aos usos sociais da escrita, sem no entanto saber ler nem escrever”.

A presença do conceito *letramento* no título de livro organizado por Angela Kleiman e publicado, primeiramente, em 1995 é uma evidência da ampliação de seu uso: *Os Significados do Letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita* (2004a). Baseada em Scribner e Cole, Kleiman (2004b, p. 19) explicita, na introdução, que: “Podemos definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”. Segundo a autora (2004b), a *alfabetização* e o *letramento* são estudos distintos. Enquanto o primeiro é atrelado à escolaridade e enfatiza as competências individuais no uso e na prática da escrita, o segundo, inicialmente, contemplou as mudanças políticas, sociais, econômicas e cognitivas que acompanharam os usos da escrita nas sociedades para, depois, pesquisar os efeitos relacionados às práticas sociais e culturais dos variados grupos que utilizam a escrita.

No decorrer do texto, Kleiman (2004b) apresenta uma síntese da teoria de Street acerca do modelo autônomo e do modelo ideológico de letramento, assim como dados do estudo etnográfico de Heath que tem como unidade de análise os eventos de letramento. Diante desses referenciais, a autora trata das práticas de letramento nas escolas brasileiras e apresenta elementos da pesquisa desenvolvida sobre a interação na aula de alfabetização de adultos, focalizando a potencialidade de transformação da concepção de *letramento* dominante em tais contextos em um modelo que valoriza os usos específicos da leitura e da escrita.

Magda Soares (2003, p. 18), desde a primeira edição de *Letramento: um tema em três gêneros*, publicada em 1998, explicita o conceito como “[...] o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”. Nessa definição, fica em destaque a precedência da alfabetização sobre o letramento, já que a aquisição do sistema de escrita é pressuposto – haja vista o uso dos vocábulos “resultado”, “consequência” – para o letramento, aproximando-se de uma abordagem autônoma, segundo Street (1995). Dou visibilidade, todavia, ao longo desta seção, a outras produções acadêmicas da autora que possibilitam diferentes compreensões acerca do letramento, decorrentes do próprio movimento de construção do conceito.

Anos após a intensa divulgação de *Psicogênese da Língua Escrita* (Ferreiro; Teberosky, 1999)¹² – clássico que trata dos processos e das formas através das quais a criança aprende a ler e a escrever a partir do seu ponto de vista –, diante da efervescência do vocábulo letramento, Emilia Ferreiro (2003), em entrevista à Revista Nova Escola, argumenta ser possível optar pelo uso ou do termo alfabetização ou do termo letramento, justificando que um estaria compreendido no outro. A autora faz essa afirmação por não aceitar a coexistência das duas palavras, já que tanto alfabetização poderia compreender o conceito de letramento quanto letramento poderia compreender o conceito de alfabetização. Além disso, discorda da tradução de *literacy* por letramento, preferindo a expressão *cultura escrita*, uma vez que é o acesso a essa cultura que desenca-

deia o processo de *alfabetização*. Ferreiro também argumenta que o termo *letramento* acarretou na redução do conceito de *alfabetização* à *decodificação*, relação da qual os estudos psicogenéticos discordam, dada a veemente crítica que Ferreiro e Teberosky (1999) tecem, a partir da psicolinguística, à *decodificação* advinda dos métodos de orientação sintética que preterem a leitura como construção de significado.

Soares (2004), no artigo *Letramento e alfabetização: as muitas facetas*, aponta implicações à concepção de Ferreiro (2003), caso fosse implementada, afirmando que, para a possibilidade de opção por um dos termos ser concretizada, o significado da *alfabetização* precisaria ser ampliado para além da aprendizagem grafofônica e o significado do *letramento* necessitaria incorporar a aprendizagem do sistema de escrita. Desse modo, para Soares, é preferível conservar ambos os termos, enfatizando a distinção entre eles – sem haver independência e precedência de um processo em relação ao outro – através do reconhecimento das várias facetas de cada um, quais sejam: para o *letramento*, a imersão das crianças na cultura escrita, a participação em experiências variadas com a leitura e a escrita, o conhecimento e a interação com diferentes tipos de gêneros de material escrito; para a *alfabetização*, a consciência fonológica e fonêmica, a identificação das relações fonema-grafema, as habilidades de codificação e decodificação da língua escrita, o conhecimento e o reconhecimento dos processos de tradução da forma sonora da fala para a forma gráfica da escrita. Diante disso, cabe ressaltar o impacto das publicações de Soares na interface das áreas de letras e educação, inclusive das coleções didáticas, na diferenciação entre *alfabetização* e *letramento*, posição reiterada ainda nesta seção.

Ainda sobre os usos da tradução de *literacy*, Maria do Rosário Mortatti (2004, p. 48), na obra *Educação e letramento*, explicita:

Em síntese, no Brasil, atualmente: “letramento” é a palavra mais recorrente utilizada na maioria dos textos acadêmicos sobre o tema e se encontra também no dicionário geral mais recente e nos dicionários técnicos de lingüística abordados; “alfabetismo” (considerada mais “vernácula”) é utilizado em alguns textos acadêmicos, [...] sendo, por vezes, apresentado juntamente com “letramento” e encontrando-se também nos três dicionários gerais; e “lectoescrita” é o termo que figura no dicionário técnico de alfabetização abordado, em sentido que se quer semelhante ao de “letramento” e “alfabetismo”, porém, [...] “lectoescrita” é mais recorrentemente utilizado em sentido relativamente diferente, nas propostas e práticas alfabetizadoras decorrentes do pensamento de Emilia Ferreiro.

A autora (2004, p. 38), ao analisar palavras desse campo semântico em três dicionários gerais da língua portuguesa, esclarece que *analfabeto* é a de uso mais antigo, remontando ao início do século XVIII e significando “[...] o ignorante das letras do alfabeto, que não sabe ler nem escrever e, também, que não tem instrução primária”. A palavra *analfabetismo*, entretanto, é utilizada ape-

nas no final do século XIX, referindo-se ao problema que envolvia o estado ou condição de analfabeto. Contemporâneo a esse termo, *iletrado* apresenta um significado semelhante ao de analfabeto. As palavras *letrado* e *letramento* remontam aos séculos XVIII e XIX, respectivamente, não apresentando, naquela época, o sentido que assumem, no momento de seu ressurgimento, na década de 1980, quando sofrem influência do vocábulo inglês *literacy* e quando apontam a necessidade de ampliação, nas últimas décadas, da definição de saber ler e escrever.

A partir do campo da historiografia e dos Estudos Culturais, *A Invenção de uma Nova Ordem para as Cartilhas: ser maternal, nacional e mestra: queres ler?*, de Iole Trindade (2004a), é a publicação, como livro, da tese de doutoramento da autora (2001). Ao tratar da história do *alfabetismo* no Estado do Rio Grande do Sul, são focalizadas as cartilhas e os métodos de alfabetização adotados no período entre 1890 e 1930.

Ao optar pelo termo *alfabetismo*, ao invés de *letramento*, a autora justifica, claramente, que o primeiro está mais próximo às palavras *analfabetismo* e *alfabetização*, associa-o às práticas sociais da leitura e da escrita, apoiando-se na definição que Graff faz do conceito, uma vez que é polissêmico. Além disso, Trindade (2004a, p. 35) diferencia *alfabetização* de *alfabetismo*, relacionando o primeiro conceito ao processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita e o segundo aos “[...] usos históricos, culturais, sociais, etc., que se fazem dessas habilidades, independentemente da qualidade e complexidade de domínio das mesmas”.

A autora (2004b), no artigo *A Invenção de Múltiplas Alfabetizações e (an)Alfabetismos*, examina um recorte da produção acadêmica na área da alfabetização tecendo uma análise cultural. Trindade, inicialmente, apresenta uma discussão sobre os conceitos de *alfabetização* e *(an)alfabetismo*, interpretando essas *invenções* enquanto produtos culturais datados, valendo-se de autores como Street, Graff, Cook-Gumperz e Marzola. A autora põe em pauta três grupos de discursos circulantes como *verdades* que orientam a produção acadêmica: os estudos sobre *analfabetismo*, sobre métodos e processos de *alfabetização* e sobre *alfabetismo* e *letramento*. Por fim, coloca tais *verdades* em suspeição, propondo uma reflexão acerca dos fatores que levaram esses temas a destacarem-se em meio a tantos outros, analisando os deslocamentos, as identidades produzidas e as diferenças entre as produções acadêmicas.

No artigo *Um Olhar dos Estudos Culturais sobre Artefatos e Práticas Sociais e Escolares de Alfabetização e Alfabetismo*, Trindade (2005, p. 132) enfatiza a necessidade de contextualização das práticas de *letramento*, afirmando: “Enfim, todos(as) nós somos ou mais ou menos alfabetizados(as), ou mais ou menos letrados(as), dependendo dos domínios que temos e dos usos que fazemos das tecnologias de que dispomos e que nos são reclamadas em nossos dias”. Essa perspectiva aponta que os inúmeros artefatos e práticas sociais e escolares de *alfabetização* e de *alfabetismo* que povoam o mundo letrado

exigem, portanto, outros olhares para além daqueles que são de alcance dos discursos que os constituem. Tais olhares podem ser visualizados em análises a partir de referenciais teóricos dos Estudos Culturais pós-estruturalistas e pós-modernos.

A partir de uma perspectiva educacional e política, é necessário evidenciar as diferentes opiniões de Moacir Gadotti e Soares sobre os termos quando discutem a questão *Alfabetização e Letramento Têm o Mesmo Significado?* Ambos os autores apresentam Paulo Freire para sustentar seus argumentos. Soares indica-o como um precursor do conceito de letramento, uma vez que preconiza o sentido amplo da alfabetização: ir além do domínio do código escrito, com estrita ligação à democratização da cultura. A autora (2005), mesmo considerando a concepção freireana de alfabetização em sentido amplo, advoga em favor da decomposição desse processo em dois: a aprendizagem do sistema de escrita, convencional e em grande parte arbitrário e a aprendizagem dos usos e funções sociais, culturais e políticos da leitura e da escrita. Ao tratar dessas relações de aproximação e de distanciamento entre *alfabetização e letramento*, enfatiza que é necessário distinguir esses processos tanto pedagógica como politicamente: pedagogicamente porque são objetos diferentes de aprendizagem e, por conseguinte, demandam distintos procedimentos de ensino; politicamente porque o acesso ao mundo da escrita é mais do que “[...] um processo de apenas aprender a ler e a escrever, mas [...] um processo de real inclusão social, cultural e política – um processo de letramento” (Soares, 2005, p. 52).

Gadotti (2005), por sua vez, afirma que utilizar o termo letramento como sinônimo de alfabetização é uma posição ideológica contrária à tradição freireana, pois reduz esse processo à técnica de leitura e de escrita e esvazia seu caráter político, assim como o da educação. Gadotti justifica tal assertiva enfatizando o peso da palavra *alfabetização* no contexto da educação popular, já que, para Freire, alfabetização é uma prática discursiva que possibilita a leitura crítica da realidade, constituindo-se como um instrumento de resgate da cidadania e de engajamento em movimentos que lutam pela transformação social. Ainda, Gadotti (2005, p. 48) coaduna com a posição de Ferreiro (2003) de que traduzir *literacy* por letramento seria um “retrocesso conceitual”. Apesar da dissonância entre Soares e Gadotti, é possível afirmar que o termo alfabetização, no amplo sentido que Freire atribui à palavra, materializa-se nas práticas sociais, culturais e políticas de leitura e de escrita.

Em conferência proferida por Soares (2007) intitulada *Práticas de Letramento e Implicações para a Pesquisa e para Políticas de Alfabetização e Letramento*, a pesquisadora salientou que o termo *letramento* está semanticamente saturado e apontou os estudos antropológicos de Brian Street¹³ como responsáveis por uma revolução conceitual da palavra *literacy*, podendo ser traduzida, para a língua portuguesa, como *cultura escrita*¹⁴. Já o termo *alfabetização* seria a tradução dos vocábulos *reading* e *early reading* da língua inglesa, significando a aprendizagem inicial da tecnologia da escrita.

Diante desse breve mapeamento da emergência dos termos alfabetização, alfabetismo e letramento, foram evidenciadas as escolhas e os significados atribuídos pelos autores à medida da publicação de seus estudos. É importante destacar, também, que tais preferências relacionam-se a determinadas bases teóricas que focalizam os processos de leitura e de escrita. Por isso, a seleção, utilização e defesa de cada palavra têm ocasionado disputas por espaço e reconhecimento no meio acadêmico, tais como o contraponto entre Ferreiro (2003) e Soares (2004) e entre essa mesma autora e Gadotti (2005), anunciado em artigos de revistas pedagógicas. Além disso, no contexto brasileiro, em que os recursos são parcos, cabe ressaltar que tais disputas também estão vinculadas à busca, na academia, por financiamento para pesquisas em instituições de fomento, por publicações em editoras e revistas de prestígio e, por conquista, ou, pelo menos, garantia de espaço nas avaliações da Capes¹⁵.

Na tentativa de evidenciar os cruzamentos da teia semântica que envolve os conceitos de alfabetização, alfabetismo e letramento, procurei indicar o complexo movimento de apreensão, construção e socialização dos mesmos, situando os pesquisadores no contexto de suas matrizes teóricas que delineiam os diferentes modos de representar suas concepções. Assim, é possível, também, visualizar a revisão e a modificação das escolhas dos autores, ao longo de suas trajetórias acadêmicas, no que se refere aos termos em questão, uma vez que, recentemente, Soares (2007) aceitou a tradução de *literacy* por *cultura escrita*, preferência já anunciada, quatro anos antes, por Ferreiro (2003).

A definição dos termos alfabetização, alfabetismo e letramento não é realizada, explicitamente, por todos os autores. Grande parte das produções acadêmicas exige um processo de inferência da posição ocupada acerca do conceito abordado. Graff (1990) enfatiza que esta definição é essencial aos estudos que tratam do assunto. Por isso, explicito *alfabetização* como o processo de aquisição da leitura e da escrita e, diante do referencial teórico a seguir apresentado, faço a opção por *letramento* no lugar de *alfabetismo* no que se refere às práticas sociais, culturais e históricas que advêm das múltiplas possibilidades de utilização de tais habilidades, mesmo que distantes da forma convencional. Na contemporaneidade, percebe-se que a palavra *letramento* tornou-se abrangente, perpassando vários espaços da sociedade, presente em conversas informais entre professores, em documentos oficiais de instituições escolares, em artigos de revistas pedagógicas, em avaliações nacionais e internacionais de leitura e de escrita divulgadas pela mídia.

Oralidade, Leitura e Escrita na Constituição de Práticas e Eventos de Letramento

Ao considerar a polissemia envolvida no conceito de letramento, demarcar sua abrangência e especificar o que são práticas e eventos de letramento pres-

supõem também disputar diferentes atribuições de sentido. O alargamento das fronteiras concernentes à explicitação do conceito tem ampliado seu domínio para além da leitura e da escrita, aspectos já consagrados nas definições do termo, indo em direção a outros tipos de habilidades ou competências como *numeramento*, *letramento digital*, *letramento visual*. No que se refere às práticas e eventos de letramento, a linha que separa tais concepções não é precisa, já que podem ser visualizadas, na produção acadêmica, como expressões distintas, sinônimas, interdependentes, ou complementares.

Procuro, portanto, demarcar o letramento no que concerne a sua abrangência e definir os conceitos de *práticas e eventos de letramento* a partir do referencial teórico nomeado Novos Estudos do Letramento, que, como já foi referido, tem Brian Street como o principal representante. Tal pesquisador constantemente especifica, em suas produções, os conceitos que utiliza, por isso seleciono, aqui, algumas publicações¹⁶ para exame: Street (1995, 2003), Street e Lefstein (2007). Outros autores, entretanto, são incluídos nesta seção por representarem determinadas perspectivas necessárias à compreensão dos conceitos aqui selecionados para explicitação e análise.

Street e Lefstein (2007, p. 7) relacionam possibilidades de abrangência do conceito de letramento, elencando leitura, escrita, fala e audição como seus elementos constitutivos; incluem, também, a língua, diferentes modos semióticos e meios de comunicação e indicam os gêneros do cotidiano *versus* gêneros acadêmicos como alternativas de análise do letramento. Percebo que a seleção de excertos que compõem a referida publicação contempla todos esses aspectos, entretanto, fica evidente o foco dos autores no letramento como leitura e escrita, nem sempre considerando a fala e a audição, aqui referidas como oralidade, uma vez que sua exclusão ou inclusão é uma das diferenças que caracterizam, respectivamente, os modelos autônomo e ideológico de letramento, a seguir explicitados. Apesar de enfatizarem oralidade, leitura e escrita, os autores realçam a necessidade de compreensão do processo no seu contexto social e apontam os *novos letramentos* e a *multimodalidade* como áreas emergentes que contemplam sistemas semióticos mais amplos, para além dos sistemas linguísticos.

Seleciono, então, o enfoque do letramento como leitura, escrita e oralidade, considerando esses seus três elementos constitutivos. Diante disso, é necessário discutir como a relação entre cultura escrita e oralidade foi se constituindo nos discursos acadêmicos. A concepção da *grande divisão* entre tais domínios tem Walter Ong e Jack Goody como principais expoentes. O relato clássico de Goody estabelece uma grande divisão entre povos letrados e não letrados, argumentando a favor das qualidades inerentes à escrita e atenuando aquelas referentes à comunicação oral, atribuindo, assim, uma superioridade da escrita em relação à fala. Com o intuito de amenizar as diferenças entre o discurso oral e o escrito, um grupo de pesquisadores, entre eles David Olson, caracterizou a relação entre os dois domínios como um *continuum*. Street (1995) examina e argumenta como ambas as concepções ainda se aproximam, uma vez que

oralidade e escrita continuam a apresentar consequências sociais e cognitivas muito diferentes, caracterizando o que o autor (1984 apud Street; Lefstein, 2007, p. 116-118) nomeou de *modelo autônomo de letramento*. Street discorda dessa abordagem e enfatiza a imbricada interação entre as formas orais e letradas¹⁷, indo contra a grande divisão entre tais domínios, uma vez que estão relacionados na sociedade. Assim, apresenta um *modelo ideológico de letramento* que focaliza as práticas sociais específicas de oralidade, leitura e escrita.

Street (1995, p. 160-161) esclarece que a distinção por ele delineada entre um modelo autônomo e outro, ideológico de letramento, foi inadequadamente interpretada como sendo uma relação de oposição. O autor propõe, então, uma abordagem alternativa na qual o modelo ideológico, caracterizado por ser social e contextual, inclui o modelo autônomo, interpretado como escolar e descontextualizado. O modelo ideológico é, portanto, uma síntese entre abordagens tecnicistas e sociais e não nega habilidades técnicas ou aspectos cognitivos de ler e escrever, mas percebe-os como encapsulados em culturas e em estruturas de poder. Street (1995, p. 149) argumenta a favor de um modelo ideológico metodológica e teoricamente sensível às variações locais das práticas de letramento e que seja capaz de compreender os usos individuais das pessoas e os significados da leitura e da escrita. O modelo ideológico não se contrapõe às habilidades técnicas e aos aspectos cognitivos da leitura e da escrita e inclui, de certa forma, as interpretações do modelo autônomo.

Street e Lefstein (2007, p. 133-134), ao discutirem a diferença entre fala e textos escritos, a partir dos argumentos de Olson, expõem que a escrita envolve muitas características paralinguísticas¹⁸ equivalentes, de alguma maneira, aos gestos, à expressão facial e à entonação da língua falada, tais como a escolha do tipo, do tamanho e da cor da letra, a disposição do texto no papel, o uso de aspas. De todas essas decisões, emanam significados que vão além dos meios léxicos e sintáticos. Assim, há mais semelhanças do que diferenças entre a oralidade e a escrita. O letramento¹⁹, portanto, não pode ser separado da oralidade, uma vez que características atribuídas a apenas um dos domínios podem ser encontradas em ambos.

Depois de examinar a abordagem da grande divisão, sobretudo na perspectiva de Ong, Street (1995) afirma a impossibilidade de conceber a escrita isolada de outro meio de comunicação e que as práticas de letramento são sempre encaixadas em usos orais, havendo uma mistura de discursos que usam a fala e discursos que utilizam a leitura e a escrita. O autor sugere, então, investigar a relação entre práticas e eventos de letramento²⁰ e práticas e eventos de oralidade –, interstício potencialmente fecundo para pesquisa, sublinho.

É importante assinalar que Street separa, muitas vezes, letramento de oralidade, relacionando o primeiro processo à leitura e à escrita. Isso não significa, porém, que o autor desconsidere a fala como componente do letramento, mas, justamente, parece fazer essa distinção para colocar em um mesmo patamar tanto práticas e eventos de oralidade, quanto de leitura e escrita – domínios separados, pela grande divisão, no modelo autônomo.

Street e Lefstein (2007), ao selecionarem e compilarem pesquisas acerca dos significados e usos cotidianos do letramento em contextos culturais específicos, destacam, na abordagem etnográfica, os estudos clássicos de Shirley Brice Heath, publicados em 1983, e de David Barton e Mary Hamilton, em 1998. Ambas as investigações focalizam práticas de letramento culturalmente diferentes: enquanto a primeira ocorreu em três comunidades no sul dos Estados Unidos, a segunda teve lugar em uma cidade no norte da Inglaterra.

Street, na perspectiva de um modelo ideológico, ao descrever a especificidade dos letramentos em lugares e momentos determinados, apresenta alguns conceitos produtivos para essa abordagem. Iniciamos com a noção de *evento de letramento*, presente no estudo etnográfico de Heath (1983, p. 50) que o definiu como “*any occasion in which a piece of writing is integral to the nature of the participants’ interactions and their interpretative processes*”²¹. Street ampliou o conceito para a noção de *práticas de letramento*, investigando os contextos sociais, culturais, políticos e históricos em que os eventos estão inscritos, bem como os discursos e as relações de poder que os regulam. Inicialmente, Street utilizou a expressão *práticas de letramento* para focalizar as práticas sociais e as concepções de leitura e de escrita. Depois, ampliou o significado do termo para levar em conta os eventos, tanto no sentido atribuído por Heath, quanto no dos modelos sociais de letramento que os participantes utilizam para se dirigir a esses eventos e que lhes dão sentido. Com essa ampliação, os eventos de letramento são relacionados a conceitos e modelos sociais concernentes a sua própria natureza, que os fazem funcionar e que lhes dão sentido. As práticas de letramento, portanto, relacionam-se a uma concepção cultural mais ampla de determinadas formas de pensar, ler e escrever em contextos culturais.

Em decorrência, práticas de letramento assentam-se em um nível mais elevado de abstração e referem-se tanto ao comportamento quanto às conceitualizações sociais e culturais que dão significados aos usos da leitura e/ou da escrita. As práticas de letramento incorporam não apenas os eventos de letramento – como ocasiões empíricas nas quais o letramento seja essencial –, mas também modelos culturais de tais eventos que deles se originam.

Barton e Hamilton (2000), com base em Heath, Scribner e Cole e Street, desenvolvem ainda mais os conceitos de práticas e eventos de letramento e explicam alguns princípios da teoria social desse processo. A partir da assertiva central de que *letramento é uma prática social*, seis proposições dela decorrem:

Literacy is best understood as a set of social practices; these can be inferred from events which are mediated by written texts.

There are different literacies associated with different domains of life.

Literacy practices are patterned by social institutions and power relationships, and some literacies are more dominant, visible and influential than others.

Literacy practices are purposeful and embedded in broader social goals and cultural practices.

Literacy is historically situated.

Literacy practices change and new ones are frequently acquired through processes of informal learning and sense making²². (Barton; Hamilton, 2000 apud Street; Lefstein, 2007, p. 144).

Diante da temática expressa no início desta seção, dirijo meu foco de análise à primeira assertiva sobre a teoria social do letramento. A noção de práticas de letramento, como formas culturais de utilizá-lo, apresenta um caráter abstrato, não sendo totalmente observável em atividades e tarefas. Daí a relação com o conceito de eventos de letramento, considerados episódios observáveis, que emergem de práticas e são por elas moldados. Muitos eventos de letramento do cotidiano são atividades regulares repetidas, ligadas a sequências rotineiras próprias do lar, de locais de trabalho, de escolas e de outras agências sociais. Por isso, o letramento adquire sentido quando situado em um determinado contexto que influencia suas formas e uso. Geralmente, o texto escrito está presente nos eventos, desencadeando interações entre os participantes, sendo necessária a análise da produção e do uso dos materiais para a realização de pesquisas.

É possível afirmar, portanto, de acordo com a primeira assertiva explicitada por Barton e Hamilton (2000, p. 8), que o letramento é constituído por três elementos: as práticas, os eventos e os textos, já que as práticas são observáveis em eventos mediados por materiais escritos. Assim, o estudo dos letramentos locais possibilita identificar eventos e textos do cotidiano para conhecer as práticas das pessoas, o que elas fazem com os textos e quais os significados atribuídos às atividades de leitura e de escrita, entrelaçadas com a língua falada.

Street e Lefstein (2007, p. 193) também desenvolvem uma distinção entre eventos e práticas de letramento:

[...] we start by identifying a literacy event, that is an activity in which a written text plays a role. We use the description of a literacy event as a basis to analyse a literacy practice, that is both the social practices of reading and writing and the conceptions or 'models' of literacy that participants use to make sense of them²³.

Os eventos, portanto, adquirem sentido porque estão localizados nas práticas. A repetição de eventos se transforma, com o passar do tempo, em uma prática. Para visualizar tal transição, os autores (2007, p. 195) apontam a necessidade de descrição sistemática de um evento através de seus componentes-chave: cenário, participantes, texto(s) e outros objetos, ações e sequências, regras, interpretação e contextos. Assim, um evento recorrente passa a ser uma prática de letramento.

Saliento, então, que Street procurou esclarecer, em sua produção intelectual, tanto suas bases teóricas quanto conceitualizações posteriores que deram continuidade às suas interpretações. Dou visibilidade, a seguir, a esses dois aspectos, respectivamente, nos estudos de Heath e de Barton e Hamilton.

Como uma abordagem alternativa, na perspectiva do modelo ideológico, Street sugere a utilização dos conceitos de eventos de letramento e de práticas de letramento que consideram as semelhanças entre os discursos oral e escrito. A noção de práticas de letramento foi, então, desenvolvida a partir da conceitualização de Heath (1983) de eventos de letramento, ampliando sua concepção.

Enquanto Street sinaliza oralidade, leitura e escrita como os elementos constitutivos do letramento, Barton e Hamilton (2000) explicitam que as práticas, os eventos e os textos compõem o letramento. Esses diferentes alcances não se excluem, ao contrário, sinalizam a imbricada relação entre as duas perspectivas, já evidenciadas no título desta seção.

Ainda enfatizo que a proximidade entre as conceituações de Heath (1983), de Barton e Hamilton (2000) e de Street e Lefstein (2007) sobre *evento de letramento* dá-se, sobretudo, pela presença do texto escrito na interação entre os sujeitos. Diante disso, é possível analisar uma determinada prática de letramento a partir de eventos de oralidade, de leitura e de escrita que a constituem, mediados por material escrito. Este é, justamente, um consistente delineamento metodológico para a realização de pesquisas em educação na interface com os estudos da linguagem.

O Entrelaçamento dos Múltiplos Olhares: implicações para pesquisa

Diante da produção acadêmica aqui apresentada cabem, ainda, algumas considerações no intuito de propor fechamentos, mas, por outro lado, de possibilitar a continuidade deste percurso que, pela natureza do tema, não se esgota neste momento. A partir da trajetória dos estudos sobre alfabetização, alfabetismo e letramento, desde aqueles que descrevem historicamente os deslocamentos dos discursos até os que propõem alternativas de ação às práticas pedagógicas, foi possível mapear as diferentes perspectivas pelas quais se torna possível visualizar os conceitos.

Considerando tal diversidade, procurei dar visibilidade a um determinado referencial teórico que acredito ser extremamente produtivo para o desenvolvimento de pesquisas em educação: os Novos Estudos do Letramento. A partir dele, foi possível demarcar o letramento no que concerne a sua abrangência – definido como oralidade, leitura e escrita – e discutir os conceitos de práticas e eventos de letramento. Fica evidente, nessa perspectiva, o caráter múltiplo e social das práticas de letramento, que precisam ser compreendidas em contextos sociais reais. A leitura, a escrita e a oralidade estão localizadas dentro dessas reais práticas sociais e linguísticas que lhes atribuem significado.

Ao considerar, a partir dos Novos Estudos do Letramento, que os eventos são episódios observáveis que emergem de práticas, valho-me da necessidade,

apontada por Street e Lefstein (2007), de descrever os componentes-chave que constituem um evento para enfatizar a necessidade do olhar atento do pesquisador a esta interação que ocorre entre os participantes, mediada por material escrito. Reside aí a potencialidade de tais conceitos, já que é possível, a partir da identificação dos eventos cotidianos dos quais os sujeitos participam, conhecer suas práticas de oralidade, de leitura e de escrita.

Por fim, ressalto que as concepções aqui apresentadas fornecem indicativos dos discursos circulantes de cada época, das lutas pela supremacia de um sobre o outro, assim como das repercussões dos mesmos nas práticas pedagógicas. Através da localização das produções acadêmicas, foi possível perceber a força que cada perspectiva apresentou em determinado período. As rupturas entre os discursos não são, entretanto, limitadores que encerram um ciclo e iniciam outro, mas possibilitam a coexistência de diferentes conceituações na contemporaneidade.

Recebido em junho de 2009 e aprovado em janeiro de 2010.

Notas

- 1 Este estudo é resultado de um recorte teórico e metodológico da tese intitulada “Prática pedagógica nos processos de alfabetização e de letramento: análises a partir dos campos da sociologia e da linguagem” (Piccoli, 2009) defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul sob orientação da Professora Doutora Maria Helena Degani Veit. Os referenciais teóricos presentes nesta investigação foram selecionados, sobretudo, a partir dos Seminários Avançados ministrados pela Professora Doutora Iole Maria Faviero Trindade.
- 2 Diante do exposto, quero reiterar o fato de que os autores, as obras e os excertos selecionados são resultado de uma escolha. Tal seleção é atravessada pela minha história de vida e pelos diferentes papéis que nela desempenho ao ser professora na área da alfabetização e pesquisadora. Sem dúvida, há outras produções e trechos significativos para serem analisados, entretanto, não cabe, aqui, realizar uma investigação que abarque todo o estado da arte da alfabetização.
- 3 Devido a um dos propósitos deste estudo que busca discutir as escolhas terminológicas dos autores, as palavras cujo destaque torna-se necessário são grifadas em itálico.
- 4 Originalmente, o artigo intitula-se *Reflections on the History of Literacy: overview, critique and proposals* (grifo meu). Ver especificações da tradução ao longo do texto.
- 5 Os estudos de Trindade (2001, 2004a, 2004b, 2005) exemplificam investigações nas perspectivas teóricas citadas.
- 6 Este vocábulo é utilizado pelo tradutor do artigo de Graff (1990). Dou preferência, entretanto, ao termo *numeramento*.

- 7 Nas traduções ou paráfrases das produções de Street, que utiliza o termo *literacy*, *letramento* tem sido a escolha mais recorrente, consagrando expressões como *modelo autônomo e ideológico de letramento*, *práticas e eventos de letramento*. Em função disso, manter-se-á tal seleção, o que não inviabiliza, todavia, o uso da palavra *alfabetismo*, dada a significação atribuída pelo autor ao vocábulo *literacy* em um contexto de práticas sociais.
- 8 Novos Estudos do Letramento. Na língua inglesa, a denominação tornou-se corrente e originou a sigla NLS, por isso optei por manter a grafia em letra maiúscula na referência à expressão em português.
- 9 As pesquisas de caráter antropológico de Kleiman (2004b) e os estudos de Trindade (2004b, 2005) exemplificam essa perspectiva.
- 10 O título poderia ser traduzido como *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, etnografia e educação* (tradução minha).
- 11 O título foi traduzido como *O que há de 'novo' nos Novos Estudos do Letramento? Abordagens críticas do letramento na teoria e na prática*.
- 12 Originalmente, em 1979, a obra foi publicada em espanhol sob o título *Los Sistemas de Escritura en el Desarrollo del Niño*.
- 13 Como já fora referido anteriormente, as investigações de Street têm influenciado pesquisas brasileiras há, pelo menos, mais de uma década, a partir da publicação, em 1995, do livro organizado por Kleiman.
- 14 A tradução do título do livro *Literacy and Orality* (grifo meu), organizado por David Olson e Nancy Torrance (1995), para *Cultura Escrita e Oralidade* foi alvo de críticas dos defensores do termo letramento.
- 15 Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.
- 16 Tais textos estão publicados em língua inglesa; por isso, optei por manter as citações no idioma original e realizar a tradução das mesmas para o português em notas de rodapé.
- 17 Concebidas, aqui, como leitura e escrita.
- 18 O prefixo grego *para* significa *ao lado, junto de, além*. *Características paralinguísticas*, portanto, referem-se a aspectos que acompanham o campo linguístico e/ou vão além dele.
- 19 Nessa comparação, letramento diz respeito à leitura e à escrita.
- 20 Novamente, aqui, letramento é concebido como leitura e escrita.
- 21 Esse conceito poderia ser traduzido como “qualquer ocasião em que algo escrito é essencial à natureza das interações dos participantes e de seus processos interpretativos” (tradução minha).
- 22 Tais assertivas poderiam ser traduzidas como:
O letramento é mais bem compreendido como um conjunto de práticas sociais; estas podem ser deduzidas de eventos que são mediados por textos escritos.
Há diferentes letramentos relacionados a diferentes esferas de atividade.
As práticas de letramento são padronizadas pelas instituições sociais e relações de poder e alguns letramentos são mais dominantes, visíveis e influentes do que outros.

As práticas de letramento são intencionais e inseridas em objetivos sociais e práticas culturais mais amplos.

O letramento é situado historicamente.

As práticas de letramento mudam e novas práticas são frequentemente adquiridas através de processos de aprendizagem informal e de compreensão (tradução minha).

23 Essa citação poderia ser traduzida como: “[...] iniciamos identificando um evento de letramento, que é uma atividade na qual um texto escrito desempenha determinado papel. Utilizamos a descrição de evento de letramento como base para analisar uma prática de letramento, que compreende tanto práticas sociais de leitura e de escrita quanto conceitos ou ‘modelos’ de letramento que os participantes usam para compreendê-los” (tradução minha).

Referências

- BARTON, David; HAMILTON, Mary. Literacy practices. In: BARTON, David; HAMILTON, Mary; IVANIC, Roz. **Situated Literacies: reading and writing in context**. London: Routledge, 2000, p. 7-15.
- FERREIRO, Emilia. Alfabetização e cultura escrita. **Revista Nova Escola**, São Paulo, n. 27, p. 27-30, maio 2003.
- FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Tradução de D. M. Lichtenstein, L. Di Marco e M. Corso. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. 47.ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 47. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.
- GADOTTI, Moacir. Alfabetização e letramento têm o mesmo significado? **Pátio: revista pedagógica**, Porto Alegre, n.34, p. 48-49, maio/jul. 2005.
- GRAFF, Harvey. O mito do alfabetismo. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. **Teoria & Educação**. Porto Alegre, n. 2, p.30-64, 1990.
- HEATH, Shirley Brice. **Ways With Words: language, life, and work in communities and classrooms**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- KATO, Mary. **No Mundo da Escrita: uma perspectiva psicolinguística**. 2.ed. São Paulo: Ática, 1986.
- KLEIMAN, Angela (Org.). **Os Significados do Letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. 7. reimpr. Campinas: Mercado de Letras, 2004a.
- KLEIMAN, Angela. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, Angela (Org.). **Os Significados do Letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. 7. reimpr. Campinas: Mercado de Letras, 2004b, p. 15-61.
- MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Educação e Letramento**. São Paulo: UNESP, 2004.
- OLSON, David; TORRANCE, Nancy (Org.). Tradução de Valter Lellis Siqueira. **Cultura Escrita e Oralidade**. São Paulo: Ática, 1995.
- PICCOLI, Luciana. **Prática Pedagógica nos Processos de Alfabetização e de Letramento: análises a partir dos campos da sociologia da linguagem**. Porto Alegre:

Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. 207 p. + Apêndices + Anexos. Tese (Doutorado em Educação).

SOARES, Magda Becker. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SOARES, Magda Becker. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n.25, p. 5-17, jan./abr. 2004.

SOARES, Magda Becker. Alfabetização e letramento têm o mesmo significado? **Pátio: revista pedagógica**, Porto Alegre, n.34, p. 50-52, maio/jul. 2005.

SOARES, Magda Becker. **Práticas de Letramento e Implicações para a Pesquisa e para Políticas de Alfabetização e Letramento**. Conferência proferida no Primeiro Colóquio Internacional sobre Letramento e Cultura Escrita do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale) da Faculdade de Educação (FaE) da UFMG. Minas Gerais: Universidade Federal de Minas Gerais, 2007. (Comunicação oral).

STREET, Brian. **Social Literacies**: critical approaches to literacy in development, ethnography and education. London: Longman, 1995.

STREET, Brian. What's "new" in New Literacy Studies? Critical approaches to literacy in theory and practice. **Current Issues in Comparative Education**. New York: Teachers College / Columbia University, v.5, n.2, p. 77-91, may. 2003. Disponível em: <http://www.tc.columbia.edu/cice/archives/5.2/52street.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2007.

STREET, Brian; LEFSTEIN, Adam. **Literacy**: an advanced resource book. London / New York: Routledge, 2007.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Adultos Não Alfabetizados**: o avesso do avesso. Campinas: Pontes, 1988.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e Alfabetização**. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2004.

TRINDADE, Iole Maria Faviero. **A Invenção de uma Nova Ordem para as Cartilhas**: ser maternal, nacional e mestra: queres ler? Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001. 490p. Tese (Doutorado em Educação).

TRINDADE, Iole Maria Faviero. **A Invenção de uma Nova Ordem para as Cartilhas**: ser maternal, nacional e mestra: queres ler? Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004a.

TRINDADE, Iole Maria Faviero. A invenção de múltiplas alfabetizações e (an)alfabetismos. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, UFRGS, v.29, n.2, p. 125-142, jul./dez. 2004b.

TRINDADE, Iole Maria Faviero. Um olhar dos Estudos Culturais sobre artefatos e práticas sociais e escolares de alfabetização e alfabetismo. In: MOLL, Jaqueline (Org.). **Múltiplos Alfabetismos**: diálogos com a escola pública na formação de professores. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005, p. 123-133.

Luciana Piccoli é doutora em Educação e professora do Departamento de Ensino e Currículo da Faculdade de Educação da UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil. E-mail: luciana.piccoli@ufrgs.br

